

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM BAKHTIN: CONCEITOS PRINCIPAIS

Adenaide Amorim Lima*

Resumo: A filosofia da linguagem do pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) é composta por uma arquitetura rica de conceitos. Neste trabalho, evidenciaremos três desses principais conceitos devido à importância deles para se pensar o mundo, o homem, as relações por intermédio da linguagem, ou melhor dizendo, um mundo humano construído a partir da linguagem. Os conceitos da filosofia bakhtiniana, em sua maior parte não podem ser compreendidos isoladamente, mas na relação com outros conceitos, estabelecendo entre eles uma dialogia, desse modo, cada conceito é como um ponto que se interconecta a outros pontos e assim forma a grande arquitetura de conceitos dialógicos bakhtinianos. Neste trabalho dialogia, translinguística e ato responsável/responsivo serão os pontos principais dessa grande rede, porém, conforme veremos, esses conceitos sempre se conectarão a outros que também aparecerão ao longo do texto nesse emaranhado dialógico.

Palavras-chave: Conceitos. Filosofia da Linguagem. Mikhail Bakhtin.

THE PHILOSOPHY OF LANGUAGES IN BAKHTIN: MAIN CONCEPTS

Abstract: The Russian thinker Mikhail Bakhtin's (1895-1975) philosophy of language is composed of an architectonics rich in concepts. In this work, we will highlight three of these main concepts due to their importance in thinking of the world, the man, and the relationships through language, that is, a human world built from language. The concepts of the Bakhtinian philosophy, for the most part, cannot be understood in isolation, but in their relation to other concepts, establishing a dialogic between them; thus, each concept is like a point that interconnects with other points and therefore forms the great architectonics of Bakhtinian dialogic concepts. In this work, dialogic, translinguistics, and responsible/responsive act will be the main points of this large network; however, as we will see, these concepts will always connect to others that will also appear throughout the text in this dialogic tangle.

Keywords: Concepts. Philosophy of Language. Mikhail Bakhtin.

Introdução

Este trabalho trata-se de uma revisão de literatura e tem como objetivo central apresentar alguns dos principais conceitos da filosofia da linguagem do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). A filosofia da linguagem bakhtiniana é composta por uma rica

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Formada em Pedagogia e atualmente aluna do curso de Licenciatura em Filosofia pela mesma Universidade. E-mail: adenaideamorim@gmail.com.

arquitetônica de conceitos que estão continuamente dialogando entre si. Neste trabalho, evidenciaremos três desses conceitos, cuja escolha se deu devido à importância deles para se pensar o mundo, o homem e as relações humanas por intermédio da linguagem, ou melhor, para pensar o mundo humano construído a partir da linguagem.

Os conceitos da filosofia bakhtiniana, em sua maior parte, não podem ser compreendidos isoladamente, mas na relação com outros conceitos, estabelecendo entre eles uma dialogia. Desse modo, cada conceito é como um ponto que se interconecta a outros pontos e assim forma a grande arquitetura de conceitos dialógicos bakhtinianos. Por essa razão, a presente análise não se limitará a uma única obra do autor, estabelecendo assim um diálogo com suas principais obras para que seja possível ter uma compreensão mais ampla do seu pensamento e a conexão entre os conceitos.

Para tanto, cada conceito ocupará um tópico, sem deixar de permanecerem interconectados. Nessa perspectiva, dialogia, translinguística ou metalinguística e ato responsável/responsivo serão os pontos principais dessa grande rede, unido a outros que aparecerão ao longo do texto, refletindo nesse emaranhado dialógico que é o mundo e as relações humanas. O resultado da presente exposição deve evidenciar a importância da filosofia bakhtiniana, como um todo, inclusive a novidade que o seu pensamento traz para a filosofia da linguagem de um modo geral.

1 Dialogia: as relações estabelecidas por meio da linguagem

Para Mikhail Bakhtin, o mundo humano é sustentado pelas relações dialógicas permeadas pela linguagem. A linguagem é responsável pela nossa constituição enquanto seres humanos e pela construção do nosso mundo, tal qual ele nos é apresentado. Toda a mundanidade é dialogia e linguagem. De acordo com o filósofo russo, as “relações dialógicas [...] são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 2010a, p. 47).

A linguagem é um modo especial de encantamento, somos encantados assim que nascemos já pela palavra de nossa mãe e toda a sua carga ideológica, sentidos, entonação, contexto. Desse modo, ninguém tem acesso ao mundo real, às coisas em si. O mundo que conhecemos é um mundo ideológico e cada um, a partir do seu contexto social, do lugar único

que ocupa na arquitetura do mundo, percebe e age nesse mundo. Nesse sentido, não é somente o discurso em si, mas tudo que for permeado pela linguagem influencia e é influenciado pelas relações dialógicas, e é isso que nos constitui enquanto seres humanos. O mundo é um grande diálogo permanentemente. Partindo dessas considerações, pode-se dizer que,

Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar [...]. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência (BAKHTIN, 2010a, p. 293).

Para Mikhail Bakhtin (2011), o diálogo não se resume na enunciação de palavras entre duas pessoas, a sua concepção de diálogo é muito mais ampla e ela se estabelece de diferentes maneiras. Ainda de acordo com suas considerações: “Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas entre elas [...]. Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (p. 409-410, grifos do autor). É por meio do dialogismo e suas relações entre um *eu* e um *outro* que nos é permitido compreender as relações humanas e a sociedade como um todo, pois tudo que é constituído pelo homem é feito dialógico, dialético e ideologicamente por meio da linguagem. Onde houver palavras e relações entre sujeitos, sempre haverá relações dialógicas, porém, nem toda relação dialógica é dialética.

Conforme Bakhtin (2011), “No diálogo as vozes (a parte das vozes) se soltam, soltam-se as entonações (pessoais-emocionais), das palavras e réplicas vivas extirpam-se os conceitos e juízos abstratos, mete-se tudo em uma consciência abstrata – assim se obtém a dialética” (p. 383), conclui-se daí que, a dialética é o resultado abstrato do diálogo e que, “na lógica de Bakhtin, não há (nem nunca haverá) um ponto de ‘síntese dialética’. De ‘superação definitiva das contradições’” (FARACO, 2009. p. 70). Porém, abstrata ou não, a palavra enunciada sempre será ideológica e desprovida aqui de caráter negativo, uma vez que ela diz respeito as ideias, as representações que servem para justificar a ordem social, as condições de vida e as relações humanas como um todo.

A ideologia em Bakhtin é entendida como uma superestrutura que chega ao pensamento e a consciência dos indivíduos por meio da palavra, mais ainda, a nossa consciência é constituída ideologicamente por meio da palavra. Esta que, por sua vez, é

definida como “*o fenômeno ideológico por excelência [...] o modo mais puro e sensível de relação social*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 36, grifos do autor). A palavra, quando pronunciada, nunca é neutra e sim permeada de ideologia e, em cada campo de atividade humana ela se manifesta enquanto signo social e também como instrumento da consciência individual. A ideologia é o horizonte axiológico do discurso.

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos [...] não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele (BAKHTIN, 2010b, p. 38).

A linguagem materializa-se nos discursos, enquanto atividade socialmente construída, semiotizando os atos praticados pelos seres humanos, possibilitando o acesso aos posicionamentos discursivos presentes, de forma explícita ou não, nas relações dialógicas. Nesse sentido, entendemos que os discursos são sempre uma tomada de posição valorada, ideológica, realizada por sujeitos singulares e, ao mesmo tempo, sociais, ou seja, pertencentes a um determinado contexto, a uma determinada esfera social.

São justamente essas relações dialógicas no interior e no exterior dos discursos que se caracterizam como objeto de estudo da metalinguística bakhtiniana, enquanto fenômenos que transformam o homem biológico em ser social, histórico e cultural. Para o filósofo em questão, o dialogismo só é possível na relação entre os homens, onde o *eu* existe apenas porque existe o *outro*, e é somente na relação com o *outro* que *eu* me revelo, sempre me constituindo dialogicamente por meio da linguagem e dos seus sentidos ideológicos impregnado nas palavras, que só podem ser estudados aqui por meio da metalinguística bakhtiniana.

Por isso os sentidos são o foco dos estudos de Bakhtin e não o significado, a linguagem e não a língua, pois esta última, segundo ele próprio, possui muitas limitações. Com base no que Bakhtin ainda ressalta, o significado está excluído do diálogo, muito embora ele admita a sua existência, pois no significado existe uma “potência de sentido”. Bakhtin jamais opera com essa categoria de significado por considerar que ele fecha em si mesmo a possibilidade de diálogo, daí sua opção pelo termo sentido, que é “de índole responsiva...

sempre responde” (BEZERRA, 2010a, p. XVI). São os sentidos que refratam e refletem os significados, existem na/pela relação com o outro.

2 A metalinguística bakhtiniana

A metalinguística é, essencialmente, no pensamento bakhtiniano, uma proposta metodológica de orientação sociológica que estuda os discursos para além dos limites da linguística tradicional. Isso porque para a linguística tradicional, a língua, em sua essência, “necessita apenas do falante – de um falante – e do objeto de sua fala, se neste caso a língua pode servir ainda como meio de comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 270), seria uma função secundária que não afetaria em nada sua essência e a relação dialógica, neste caso, reduziria o mundo individual do falante e sua criação espiritual.

Pensar a linguagem para além da linguística é entender a linguagem como uma estrutura dinâmica e socialmente estabelecida por meio das relações. Pois, conforme Bakhtin (2010a, p. 209): “A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem [...]. Toda a vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas”. As relações dialógicas, por seu turno, são compreendidas pelo autor em consonância com a linguagem, conforme enunciamos no tópico anterior.

Nessa perspectiva, é lícito compreender que a “linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão” (BAKHTIN, 2010a, p. 207). Na linguística, os estudos são caracterizados, na perspectiva bakhtiniana, como tendencialmente monológicos, o sentido do discurso é quase inexistente, na metalinguística ele é essencialmente dialógico.

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tampouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 134).

É o sentido de um enunciado que contextualiza o significado a partir do contexto extraverbal do seu diálogo com o passado e com o futuro. “Cada novo aspecto do sentido do passado resulta da adição no presente de uma informação antes não disponível [...] [a partir dos sentidos] a verdade do passado jamais receberá um carimbo de ‘causa finita’” (GERALDI, 2012, p.26-27, grifos do autor), ela é sempre atualizada e potencialmente infinita. A memória aqui tem um papel fundamental nessa inesgotável transfiguração do passado por meio dos sentidos, uma vez que não é a experiência que organiza o seu discurso, mas, o inverso, é o discurso que organiza as experiências, ressignificando-as, dando um novo sentido.

Cada discurso está atrelado ao campo de atividade dialógica e social da qual ele faz parte e onde é engendrado. Os sentidos refletem e também são refletidos por esse campo. Um campo macro de atividade pode ser permeado por tipos específicos de gêneros discursivos de acordo suas diferentes esferas e a partir das tensões entre essas esferas que moldam e organizam os discursos de um dado campo de atividade e de todos os participantes que ali atuam e se envolvem de forma ideológica, dialógica e dialeticamente na realização dos seus atos responsáveis/responsivos. Isso faz com que esses discursos assumam um caráter heteroglóssico por conta das relações dialógicas *inter* e *entre* as esferas em suas diferentes relações cronotópicas e entre seus sujeitos e suas diferentes posições exotópicas¹.

Discursos heteroglóssicos são discursos atravessados por outros discursos proferidos por diferentes agentes que ocupam diferentes posições na hierarquia de um dado campo de atividade. Na heteroglossia, a multiplicidade de vozes que interagem e se tensionam formam um todo orgânico, pois os discursos não são independentes entre si e nem são autônomos, eles se identificam uns com os outros, e se refletem uns nos outros. Heteroglossia é o oposto de polifonia.

De acordo Faraco (2009, p. 92), o conceito bakhtiniano de heteroglossia caracteriza-se por “um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais, isto é, um conjunto de

¹ *Cronotopia* refere-se a interação fundamental das relações temporais e espaciais. *Exotopia*, meu excedente de visão em relação ao outro. No processo de exotopia “Eu devo entrar em empatia com [...] outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento” (BAKHTIN, 2011, p. 23).

formações verboaxiológicas”. Polifonia “é precisamente a *multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos* que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade” (BAKHTIN, 2010a, p. 5, grifos do autor).

Na natureza heteroglóssica do discurso está resguardada, em seu ato de enunciar, sua originalidade como um acontecimento único, singular e irrepetível dentro de um cronótopo, ou seja, abrange tanto o elemento espacial quanto temporal. Isso ocorre porque, na condição de acontecimento, há um antes e um depois de cada enunciado: “Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas um elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser situado” (BAKHTIN, 2011, p. 371), por isso o seu caráter de acontecimento.

De acordo com Bakhtin (2011), existe uma infinidade de campos de atividade humana, todos interligados por meio da linguagem. Cada campo de atividade humana, porém, tem uma forma particular para o uso dessa linguagem denominada gênero discursivo, que podem ser primários (ligados às situações do cotidiano e são espontâneos), ou secundários (que aparecem em situações comunicativas complexas em sua reelaboração, tendo como base os primários). É justamente esse gênero discursivo que motiva os integrantes de um determinado campo a enunciarem, seja de forma escrita ou oral, enunciados relativamente estáveis, fazendo com que dialoguem nesse campo sentidos compartilhados e também individualizados.

Esses

[...] enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 261-262).

Em Bakhtin fica claro que o gênero discursivo é composto ideologicamente e condiciona todo o comportamento social de um determinado grupo, fazendo com que haja uma “pertença a uma classe como fator determinante das formas de pensar e agir torna-se axioma, e tudo é definido em função da classe que o indivíduo está ligado” (BEZERRA, 2010a, p. XI). Isso porque, nos campos de atividade,

[...] nos constituímos, internalizando os signos que a compõem. Internalização que não se dá da mesma forma para cada um, ainda que vivam no mesmo tempo e no mesmo espaço, por que as contrapalavras com que compreendemos cada novo signo não são as mesmas com que o outro compreende (GERALDI, 2013, p. 13).

O gênero do discurso que compõe a realidade de um determinado contexto faz com que por meio das relações dialógicas simultâneas que há no interior desse campo o discurso de um acabe afetando o do outro, sendo possível que “todo discurso [...] [seja] ocupado, atravessado, habitado pelo discurso do outro e, por isso é constitutivamente heterogêneo. Todo enunciador, para constituir seu discurso, leva em conta o discurso do outro, que está, por isso, presente no seu” (FIORIN, 2010, p. 40).

Em um campo de atividade dialógica há sentidos que são compartilhados e outros que são individualizados. Cada existência é ativa por se caracterizar em um dever advindo da posição singular ocupada por cada sujeito, em particular, ainda que compartilhando o mesmo campo de atividade, a mesma esfera discursiva, o mesmo gênero do discurso e a mesma posição ideológica. “Do lugar único de minha participação no existir, o tempo e o espaço na sua singularidade são individuados e incorporados como momentos de uma unicidade concreta e valorada” (BAKHTIN, 2010b, p. 121).

Desse modo, compreende-se que os sentidos não são dados em uma dimensão geral pela estrutura social, mas pelos sujeitos discursivos que estão inseridos nela em um campo de atividade por meio de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, estáveis, porém não fixo, pois “o repertório de gêneros do discurso [...] cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Apesar de Bakhtin priorizar os sentidos e não os significados, apontando os sentidos justamente como o limite da linguística, ele admite que um não existe sem o outro. Para ele:

O tema é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, vive-versa. [...]. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade de significação; caso contrário, ele perderia, em suma, o seu sentido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 134, grifos do autor).

Pensar a linguagem para além da linguística é entender a linguagem como estrutura dinâmica e socialmente estabelecida através das relações. Pois, conforme Bakhtin (2010a, p. 209): “A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem [...]. Toda a vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas”. As relações dialógicas, por seu turno, são compreendidas pelo autor em consonância com a linguagem: “[...] um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 2010a, p. 47).

Conforme mencionado anteriormente, essa orientação sociológica de estudo da metalinguística encontra o seu limite nas generalizações do conhecimento produzido e pertencente a um determinado grupo. Os estudos da linguística são passíveis de generalizações, ao contrário, nos estudos da metalinguística não poderão ocorrer essas generalizações, senão de modo provisório e cauteloso, pois a “análise translinguística é a análise de funcionamento real da linguagem, o que significa a análise da historicidade do discurso” (FIORIN, 2010, p. 34).

No entanto, é função do método dialógico fazer “a discussão de um objeto específico sair da especificidade fechada para interagir com o universo mais amplo de vozes e conceitos” (BEZERRA, 2010a, p. XI), nesse sentido, haverá sempre uma relação de reciprocidade entre a minha verdade e a verdade do outro, tendo como resultado os sentidos. “O sentido não quer (e não pode) mudar os fenômenos físicos, materiais e outros, não pode agir como força material. Aliás, ele nem precisa disso: ele mesmo é mais forte” (BAKHTIN, 2011, p. 404). Os sentidos atravessam os significados e têm, na interlocução entre o *eu* e o *outro*, o dispositivo de sua produção.

3 O ato responsável/responsivo: entre dois mundos

De todos os conceitos bakhtinianos, o ato ético, o responsável/responsivo certamente é o que mais nos toca devido ao seu poder de nos situar em relação ao mundo e aos outros nessa grande dialogia. Para compreendê-lo, no entanto, precisamos nos aproximar de outros conceitos igualmente importantes. Na arquitetura do seu pensamento, Bakhtin (2010b) parte da ideia de existência de dois mundos distintos, incomunicáveis, intocáveis e que estão sempre se confrontando, mas que podem se comunicar por meio do ato

responsável/responsivo: estamos falando do mundo conceitual, abstrato, o mundo da teoria e o mundo da vida, da cotidianidade, onde vivemos e agimos.

Baseando-se em Bakhtin, Faraco (2009, p. 18) afirma:

Esses dois mundos [...] não se comunicam porque o mundo da vida, na sua eventicidade e unicidade, é inapreensível pelo mundo da teoria como ele se apresenta hoje, na medida em que nele não há lugar para o ser e o evento únicos. O pensamento teórico se constitui exatamente pelo gesto de se afastar do singular, de fazer abstração da vida [...] [mas], ele [Bakhtin] não esconde o desejo de reconciliar o mundo da cognição teórica e o mundo da vida.

O mundo conceitual, com sua verdade *istina* e suas leis universais, não precisa de nós, sujeitos únicos, historicamente situados no mundo e nem de nossas ações demarcadas no espaço/tempo para existir. Antes do seu contato com o contexto real, na orientação abstrata estão contidas todas as possibilidades e potencialidades de sua efetivação, porém, ela não leva em consideração a multiplicidade de contextos sociais do mundo da vida, as interferências do cotidiano, dos sujeitos que as executam e nem os sujeitos que serão tocados pelas verdades desse mundo abstrato, que também são concebidos de forma genérica.

O mundo da vida, por outro lado, é o mundo em que realmente vivemos, pensamos, agimos, sentimos, contemplamos, morremos etc. “o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente acontece, irrepetivelmente, ocorre, tem lugar” (BAKHTIN, 2010b, p. 43).

Conforme Bakhtin (2010b): “É um triste equívoco [...] imaginar que a verdade [*pravda*] só pode ser a verdade universal [*istina*] feita de momentos gerais, e que, por consequência, a verdade [*pravda*] de uma situação consiste exatamente no que esta tem de reproduzível e constante” (p. 92). Para este autor, qualquer tentativa na produção de conhecimento teórico, inevitavelmente tem como ponto de partida o mundo cotidiano, no qual a verdade é sempre mutável e aberta. Bakhtin entende que o ato de conhecer é fundamental como uma ação de descoberta, como investigação para chegar à verdade (*pravda*) e não à verdade única (*istina*), nem a um dever moral absoluto para todos. Segundo ele, as verdades construídas pelos seres humanos em sua existência, na cotidianidade, não são únicas e, desse

modo, não geram normas válidas para todos os momentos, como descreve Geraldi (2012, p. 25):

A verdade-istina é aquela que se obtém por sucessivas abstrações; são verdades construídas no interior de uma teoria em que se constrói um modelo abstrato de explicação de um objeto. A verdade-pravda é aquela no mundo da vida, relativa ao acontecimento em si e às percepções que dele fazem os sujeitos envolvidos. Não resulta da abstração que exclui singularidades, mas ao contrário da adição continuada de elementos de tal modo que a verdade-pravda pode ser uma num momento, e outra noutra momento posterior em que se acrescentaram novos elementos para formular um juízo de valor (aqui, de valor de verdade).

Esses dois mundos são igualmente importantes. Bakhtin não prioriza um em relação ao outro e, conforme enunciado anteriormente, há sim uma possibilidade de encontro desses dois mundos por meio do ato responsável/responsivo, por meio de um processo denominado por Mikhail Bakhtin de *reconhecimento*. O ato responsável/responsivo é um ato com muitas dimensões: ética, estética e epistemológica, e no reconhecimento por meio da dimensão ética o sujeito é convocado a agir, como um dever. O reconhecimento trata-se de uma obrigação minha, de uma assinatura do meu *não-álibi* na participação do mundo, a partir do lugar que ocupo na arquitetônica desse mundo. No tempo/espço onde estou ninguém mais está, nesse sentido somente eu posso agir e devo agir, e meu ato no mundo da vida é sempre atualizado a partir do mundo conceitual.

Todo conhecimento conteudístico assim obtido [...] deve ser encarnado por mim, traduzido na língua do pensamento participativo, de responder a pergunta: a que me obriga, ao meu *eu* como único, desde meu lugar único, o conhecimento dado. [...] ele deve ser colocado em correlação com a minha unicidade, fundado no meu não-álibi no existir, em um tom emotivo-volitivo, já que o conhecimento [...] do conteúdo do objeto em si torna-se em conhecimento dele para mim, *torna-se reconhecimento [...] que me obriga responsabilmente* (BAKHTIN, 2010b, p. 107-108, grifos do autor).

Parece conveniente dizer que não é o conteúdo da obrigação escrita que me obriga, mas a minha assinatura colocada ao final do ato, do meu dever ético a partir do meu não-álibi dessa responsabilidade única, desse lugar único que ocupo na arquitetônica do mundo. Na esfera social, no mundo real da verdade *pravda*, sempre estamos fazendo algo para o *outro*, por isso o ato de fala, de pensamento, de sentimento e de desejo é sempre um encontro com o

outro, como um dever para com esse *outro*, não podemos agir como se o *outro* não existisse. Nesse sentido que o ato responsável/responsivo é tão importante, porque ele nos convoca a agir sem desculpas, porque mesmo que escolhamos não agir, essa escolha consiste em uma ação que terá consequências, por essa razão não conseguimos deixar de agir, como afirma Faraco (2009, p. 22):

[...] viver significa tomar uma posição axiológica em cada momento, significa posicionar-se em relação a valores. Vivemos e agimos, portanto, num mundo saturado de valores, no interior do qual cada um dos nossos atos é um gesto axiologicamente responsivo num processo incessante e contínuo .

Portanto, são esses dois mundos que vão orientar as nossas práticas sociais no cotidiano, os nossos atos responsáveis/responsivos, ou seja, o “ato atividade de cada um, da experiência que cada um vive, olha como um Jano bifronte, em duas direções opostas: para unidade objetiva de um domínio na cultura e para a singularidade irrepitível da vida que se vive” (BAKHTIN, 2010b, p. 43). Assim, podemos dizer que as nossas ações são fenômenos abstratos e concretos, particulares e ao mesmo tempo fenômenos históricos e sociais. Na perspectiva bakhtiniana, “o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições são sempre singulares, porque cada um é um evento único do Ser)” (FARACO, 2009, p. 86-87).

Esse ato ético de que fala Bakhtin (2010b), é praticável em todas as esferas sociais a partir das relações humanas, mesmo que estejamos inseridos em estruturas sociais muito rígidas. Em qualquer esfera de atividade somos sempre um agente ativo muito decisivo moldando a partir de sua cultura profissional, de sua posição valorativa qualquer proposta que lhe é feita.

O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigatória singularidade. É essa afirmação do meu *não-álibi no existir* que constitui a base da existência sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado (BAKHTIN, 2010b, p. 99, grifos do autor).

Nossa vida é um acontecimento irrepitível, cada ação nossa também é um acontecimento, pois ela está presa a um cronótopo, não podemos voltar atrás e desdizer algo, do mesmo modo é impossível desfazer uma ação, e mesmo que uma nova ação neutralize as

consequências da anterior, não será a mesma ação, mas outra. Onde nós estamos na arquitetura desse mundo ninguém jamais esteve e jamais estará. Alguém, em outro momento, pode vir a ocupar o nosso lugar, mas em um outro tempo, não nesse cronótopo de nossa existência. É essa unicidade que Bakhtin denomina de existir-evento.

Isso é muito importante para compreendermos o seu conceito de ato ético, um ato responsável/responsivo, pois ele reclama de cada ser humano no mundo a sua parcela de contribuição e sua culpa para com esse mundo, não uma culpa moral, mas relacionada ao nosso existir-evento. Por essa razão, cada ato nosso, cada ato ético demanda de nós uma responsabilidade, porque ela terá sempre uma consequência no mundo, para nós ou para o *outro*, ainda que não possa nos acompanhar toda essa consequência. Ao mesmo tempo esse ato é uma resposta a algo colocado diante de nós. Esse ato nos conecta com o mundo e com os *outros*, através do qual tomamos parte dessa grande dialogia, conectados com o passado nos projetando para o futuro. São nesses atos que nos constituímos, eis aqui a nossa liberdade.

Somos seres abertos, inacabados e estamos sempre nos constituindo na relação com o *outro*. Desse modo, o nosso existir-evento sempre está sendo atualizado, acrescentado a cada encontro nosso com esse *outro*, a cada nova tomada de decisão. Existimos porque existe o *outro*, quando nascemos parte da nossa identidade nos é dada por esse *outro* que nos dá um nome, uma história anterior ao nosso nascimento, de como e quando nascemos, além de memórias que nos dizem muito sobre quem somos. Também esse *outro* será quem nos concluirá, após a nossa morte. Por essa razão que, para Bakhtin, um homem que não dialoga, não convive, não é visto, não é ouvido e nem sentido, visto que, assim, tal homem seria um não-ser, ou, praticamente, um homem morto. Precisamos do *outro* para nos colocar no mundo e para nos concluir quando morrermos.

Morte absoluta (o não ser) é o inaudível, a irreconhecibilidade, o imemorable [...]. Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o *outro nos olhos com os olhos do outro* (BAKHTIN, 2010b, p. 323, grifos do autor).

Mas assim como o *outro* é importante nesse processo construtivo de nós mesmos, na participação dessa nossa liberdade, dessa nossa inconclusibilidade, também somos responsáveis pela constituição do *outro* por meio da exotopia, dos nossos atos em relação a esse *outro*, de acordo com o modo como ele nos afeta. Bakhtin denomina esse processo de

criação estética. “A criação estética é, pois, um exemplo particularmente bem sucedido de um tipo de relação humana: aquela em que uma das duas pessoas engloba inteiramente a outra e por isso mesmo a completa e a dota de sentido” (TODOROV, 2011, p. XIX). Esse acabamento ocorre através da empatia.

Ela ocorre quando, a partir da nossa posição exotópica, do nosso excedente de visão, nos colocamos no lugar do *outro* e tentamos enxergar o mundo a partir dele e, em seguida retornamos ao nosso lugar. Esse retorno é o momento da objetivação no qual nos afastamos da individualidade, apreendida na empatia, para compreendê-la. Após este retorno a nós, o nosso existir-evento foi acrescentado. Este é um movimento ético, estético e epistemológico de ir até o outro que acontece de forma simultânea.

Certamente esse acabamento se dá de modo provisório, definido a partir de uma relação passada, projetada para o futuro. Portanto, assim como um enunciado, o ato responsável/responsivo é apenas um elo nessa grande cadeia dialógica que compõe e forma o mundo humano. Fora dessa dialogia nenhuma ação humana pode ser situada, portanto, não tem sentido.

Conclusão

Apesar de estar fora da maioria dos manuais de Filosofia da Linguagem, é possível afirmar que Mikhail Bakhtin faz parte do grupo de filósofos que concebe a linguagem a partir de um direcionamento fundamentalmente fenomenológico. Talvez o grande diferencial da filosofia da linguagem bakhtiniana seja não somente tornar a consciência àquela que possui o poder originário de designar, enunciar, visar, significar, atribuir sentidos, mas ela própria ser o resultado dessa significação por meio da interação com outras consciências por intermédio da palavra. Se a palavra enunciada possui uma carga ideológica muito forte, a consciência também é constituída de forma ideológica.

O que definirá o conteúdo da consciência serão os fatores e condições sociais em que o sujeito está inserido, desse modo, o discurso não é uma expressão da consciência, mas a consciência é o processo de interiorização dos discursos pelo sujeito no decorrer de sua existência. O homem compreende o mundo por intermédio dos discursos que assimila e reproduz esses discursos nos seus atos, não somente de fala, mas de sentimentos, pensamentos, de interações etc. Por essa razão, para Bakhtin, não há discurso original, pois

cada ato é um elo na cadeia dessa comunicação verbal, uma réplica, uma contrapalavra nesse grande diálogo que é dito e relacionado com e a partir de outras referências, avança e a conclui na certeza do seu inacabamento.

São as relações e as interações que estabelecemos com o outro ao longo da nossa existência que nos torna únicos no mundo. O mundo é constituído por sujeitos cujas características mais marcantes são a diversidade de personalidades, pontos de vista, posições valorativas etc. O ser humano torna-se ao longo de sua vida essa amálgama de relações e mudanças que o torna irreduzível a definições exatas. Fica claro que a linguagem é a condição fundante para o desenvolvimento do humano. Fora da linguagem não há consciência, não há homem, não há o mundo tal qual o conhecemos. Esse mundo que se constitui dialogicamente e nos conecta a todos por intermédio da palavra, mesmo em tempos históricos e contextos diferentes.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2 ed. São Carlos: Pedro e João, 2010b

_____. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BEZERRA, Paulo. Prefácio: uma obra a prova do tempo. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a, p. V-XXII.

FARACO, Alberto Carlos. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Campinas: Mercado de letras, 2010, p. 33-48.

GERALDI, João Wanderley. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 11-28.

_____. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro e João, 2012, p. 19-39.

TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. XIII-XXXII.